

POLÍTICA DO SINTOMA: A CLÍNICA DOS GRUPOS

Orientador: Marcus André Vieira

Alunas: Bruna Musacchio Guaraná e Juliana Kaminski do Prado

1. Introdução

A pesquisa visa discutir e mapear as micro-mudanças que a Psicanálise Aplicada pode promover, apostando no sintoma como expressão de sofrimento psíquico do sujeito quando inserida em um centro de atendimento gratuito em uma comunidade.

O objetivo básico da pesquisa é **avaliar as conseqüências e impactos da aplicação de um dispositivo analítico em grupos no Complexo da Maré. Pretende-se verificar, como será descrito detalhadamente aqui, a hipótese de que apostando-se na vivência sintomática de que o usuário está e ao mesmo tempo é sujeito, pode-se infimamente alterar a configuração social da comunidade.**Dado esse objetivo inicial multiplicam-se questões secundárias de grande interesse para a comunidade científica bem como para a articulação e organização da saúde pública.

A pesquisa tem como objeto de estudo e parceria o projeto e dispositivo de atendimento gratuito Digaí-maré que oferece um trabalho baseado nos princípios da psicanálise para os moradores do Complexo de favelas da Maré na cidade do Rio de Janeiro desde 2005.

O Digaí-maré tem estado atento para o registro de seu trabalho de forma a poder transmitir sua experiência e buscar criar um método que possa ser replicável e sirva também a outras experiências de profissionais da saúde mental em comunidades marcadas pela violência, exclusão social e subversão dos moldes tradicionais de organização social e familiar.

Apesar do dispositivo psicanalítico tradicional se dar através do atendimento individual, a psicanálise tem buscado alternativas para responder de maneira eficiente aos novos tempos e às novas queixas. O reconhecimento de um modo de vida marcado pela coletividade e por uma certa relativização da noção de privacidade motivaram o Digaí-maré a trabalhar com atendimento em grupo.

Os atendimentos em grupos no centro de atendimento à comunidade são baseados nos moldes do cartel que Lacan propõe inspirado na prática de Bion. Em sua proposta original, o cartel é um pequeno grupo de trabalho que tem como objetivo a produção, tanto de saber, como de efeitos de "sujeito"(visando a emergência da singularidade do sintoma) em seus integrantes. Em um grupo de atendimento, a produção de efeitos de sujeito passa a ser o principal objetivo, por isso o cartel passa a ser um modelo de trabalho favorável. É nessa perspectiva que o Digaí-maré pretende continuar o estudo teórico e a prática com grupos.

Trata-se de um dispositivo que funciona gratuitamente, com tempo limitado e está especialmente apto a lidar com situações em que intervenções pontuais e efetivas se fazem necessárias. Assim sendo, ainda que muitas experiências em grupo, inclusive dentro da psicanálise, tenham sido realizadas, as características do trabalho proposto o tornam diferente e inovador. O sucesso desse trabalho poderá resultar em ferramentas teórico-clínicas capazes de fundamentar outras iniciativas semelhantes, impulsionando a capacidade transformadora do Digaí-Maré

A nossa principal ferramenta, parceria e objeto de estudo é o projeto digaí-Maré, que trabalha com atendimento psicanalítico em grupo inserido na comunidade. São oferecidos pelo Digaí-Maré grupos de crianças,adolescentes e adultos. A homogeneidade de cada grupo é assegurada pelo interesse comum dos integrantes em

partilhar seus sentimentos e elaborações acerca de seus sofrimentos. Além disso, há casos em que os atendimentos individuais são priorizados, quando a equipe assim achar necessário.

Pretende-se discutir também na pesquisa as alterações a que o dispositivo analítico deve sofrer para que seja realizado tal feito. Isso será executado através de uma análise de resultados dos grupos focais feitos com usuários que já passaram pela Digaí-maré e analistas que estão imersos nesse trabalho.

1. Justificativa do atendimento em grupo

Se a clínica social não é uma novidade, o mesmo podemos dizer do atendimento psicanalítico em grupo que, desde Freud com *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), estabeleceu uma longa tradição como por exemplo: Bion, Rieckman, Pichon Riviere e outros. No entanto, esses autores tendem a considerar o grupo como um trabalho análogo e equivalente a um trabalho de análise enquanto nossa proposta é promover a experiência de uma abertura para o inconsciente, um encontro com a psicanálise e não exatamente um trabalho de análise, tal como concebido no set analítico.

Em Lacan encontramos raras referências ao atendimento em grupo, mas um extenso trabalho sobre os efeitos imaginários produzidos pelo grupo e alguns textos sobre a lógica do coletivo. É a partir dessas referências que partimos para nossa pesquisa, ou seja, de que maneira um coletivo pode produzir efeitos terapêuticos para além da obscenidade imaginária.

Para delimitar um dispositivo coletivo que produzisse efeitos de elaboração na comunidade Escola, Lacan criou o cartel, um pequeno grupo composto de no mínimo três pessoas e no máximo cinco. Mais-um encarregado da seleção, discussão e do destino a ser reservado a cada um. Após um certo tempo de funcionamento o cartel é dissolvido e seus componentes permutam para outro

O mais-um do grupo deve dar aos efeitos da interpretação um destino: fazer valer, para cada um a novidade desta interpretação e sua posição, ao mesmo tempo levar esta novidade, o produto de cada um, para o plano coletivo do próprio grupo. Definindo, eventualmente, uma tarefa que poderá ter um resultado coletivo e produzir efeitos diretos na comunidade.

2. Apresentação do Digaí-Maré



Fachada do Digaí-Maré

Composto por um grupo de vinte e dois profissionais, o Digaí-Maré é uma Associação que oferece um trabalho orientado pelos princípios da psicanálise a crianças, adolescentes e adultos no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho é realizado em parceria com três entidades: o *Programa de Criança Petrobrás* da ONG Redes de Desenvolvimento da Maré (Redes-Maré); a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, através do Departamento de Psicologia; e a seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise.

O Digaí-Maré surgiu em janeiro de 2005 a partir do encontro entre a demanda do antigo CEASM, atual Redes-Maré, por atendimentos psicológicos a seu público-alvo e o interesse de profissionais, norteados pela psicanálise, em trabalhar com esse público. No caso do *Programa de Criança Petrobrás* do Redes-Maré, as situações que se apresentam costumam estar associadas às crianças que colocam sérios impasses aos pais e profissionais que com elas trabalham (principalmente professores e assistentes sociais), tais como evasão escolar, dificuldade de aprendizagem, desestruturação e violência familiar, problemas de relacionamento, agressividade, agitação, reações a situações traumáticas e vulnerabilidade social.

Além de receber os encaminhamentos promovidos pelos professores e pelas assistentes sociais do Redes-Maré, o Digaí-Maré também recebe moradores das comunidades que constituem esse Complexo e que procuram ajuda psicológica espontaneamente ou encaminhados por outros serviços de atendimento da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, em 2005 e 2007, cerca de 600 pessoas – entre adultos, crianças e adolescentes – procuraram o Digaí e ali realizaram um trabalho no sentido

de buscar soluções para seus impasses pessoais. Desde dezembro de 2006, o Digai passou a receber quem o procura não mais nas salas de aula do Redes-Maré, como acontecia entre 2005 e 2006, mas em uma casa alugada pela equipe na comunidade de *Nova Holanda* e utilizada unicamente para esse fim.

A Maré tem dupla existência. Como "favela" é uma figura do imaginário carioca no qual ganha destaque como uma área de precariedade e exclusão, povoada por cenas de violência e pobreza. Como área geográfica oficial ela é apenas mais um bairro dentre os tantos do município do Rio de Janeiro, composto por 16 comunidades, totaliza 132.176 pessoas e constitui a mais populosa área favelizada do Rio. O bairro, que tem 94% de suas crianças na escola, deve à "favela" sua fama, muito provavelmente por sua localização no entroncamento das três principais vias de acesso ao Rio, uma vez que seus índices são comparáveis aos de tantas outras favelas do município (CENSO CEASM-2000).

A aposta fundamental é que o trabalho desenvolvido pela equipe do Digai-Maré com os pequenos grupos, constituídos por pessoas da comunidade que procuram auxílio para seus sofrimentos psíquicos, seja capaz de reverberar significativamente na comunidade. Quando alguns conseguem encontrar – através do trabalho realizado nos pequenos grupos com a presença de um clínico orientado pela psicanálise – saídas singulares para impasses e sofrimentos que pareciam não ter solução, reverbera entre aqueles que o circundam a idéia de que invenções próprias, antes impensadas, são de fato possíveis.

São oferecidos grupos de crianças, de adolescentes e de adultos. Esse ano os estagiários do projeto, todos de psicologia, começaram também a desenvolver oficinas de música, contos de fada, desenhos em quadrinhos, jornal, fantoches, afim de atender a uma demanda das próprias crianças que moram perto ou no próprio bairro de Nova Holanda, que inicialmente não buscavam um atendimento psicológico, mas se interessavam pelas oficinas..

Nos grupos atendidos, a sua homogeneidade é assegurada pelo interesse comum dos integrantes em partilhar seus sentimentos e elaborações acerca de seus sofrimentos. Além disso, há casos em que os atendimentos individuais são priorizados, quando a equipe assim achar necessário.



Fotos de uma das oficinas oferecidas pelos estagiários de Psicologia para um grupo de crianças.

3. O caráter coletivo do trabalho

Por que trabalhar com grupos? Apesar do dispositivo psicanalítico tradicional se dar através do atendimento individual, a psicanálise tem buscado alternativas para responder de maneira eficiente aos novos tempos e às novas queixas. O reconhecimento de um modo de vida marcado pela coletividade e por uma certa relativização da noção de privacidade inspirou o Digai-Maré a propor o trabalho em grupo.

Trata-se de um dispositivo que funciona gratuitamente, com tempo limitado e está especialmente apto a lidar com situações em que intervenções pontuais e efetivas se fazem necessárias. Assim sendo, ainda que muitas experiências em grupo, inclusive dentro da psicanálise, tenham sido realizadas, as características do trabalho proposto o tornam diferente e inovador. O sucesso desse trabalho poderá resultar em ferramentas teórico-clínicas capazes de fundamentar outras iniciativas semelhantes, impulsionando a capacidade transformadora do Digai-Maré.

A experiência tem dado mostras de que a escolha foi acertada. O que poderia ser um empecilho ao tratamento, graças a uma eventual dificuldade em manifestar o próprio sofrimento num ambiente grupal, tem se mostrado, na verdade, uma valiosa ferramenta. O reconhecimento de que a vida traz dificuldades a todos e a aposta de que é possível promover profundas transformações através da própria fala e de um tratamento devidamente orientado tende a “contagiar” o grupo, tão logo os primeiros movimentos nesse sentido são notados. O trabalho em coletivo tem se mostrado adequado à tarefa de responder com agilidade às situações que demandam efeitos rápidos, sem que o essencial da prática psicanalítica se perca.

Por um lado, o grupo valoriza as criações singulares feitas por cada um dos seus participantes, fazendo desse ‘caldo’ de criatividade e ‘saber-fazer’ uma fonte

valiosa de ajuda para uns e outros; por outro, tem servido para promover o respeito diante do sofrimento alheio, revelando que as respostas prontas e vindas de fora tendem a ser insuficientes para solucionar os problemas de cada um. Nessa brecha, entre a solidão do sofrimento e a riqueza do coletivo, o Digai-Maré tem encontrado um dispositivo ao mesmo tempo fiel aos princípios teóricos de uma prática clínica que já conta com mais de um século de experiência, mas que também está aberta a transformações.

O objetivo do Digai-Maré é, assim, intervir positivamente em situações psicológicas delicadas, marcadas pela violência em suas mais diversas manifestações, através de um trabalho especialmente formulado de modo a favorecer a multiplicação na comunidade do trabalho realizado no seio do Projeto. Para tal, realiza-se uma atividade clínica em grupo na comunidade de *Nova Holanda*.

O trabalho do Digai-Maré pretende permitir a cada participante defrontar-se com seu sofrimento de modo a produzir novas escolhas e abrir um campo novo de possibilidades até então inalcançáveis. Desse modo, a experiência teórico-clínica da psicanálise tem sido manejada pelo Digai-Maré como uma ferramenta especialmente apta à intervenção pontual capaz de romper com círculos viciosos de sofrimento e violência.

O Digai-Maré visa, portanto, o estabelecimento de um modelo de intervenção eficaz e sensível ao objetivo de causar efeitos em uma comunidade, além de acolher e contribuir para a formação de universitários em um ambiente de engajamento social.

4. OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo básico da nossa pesquisa é avaliar conseqüências e impactos da aplicação de um dispositivo analítico em grupos. Faremos isso através da realização de grupos focais com usuários que já tiveram um passagem pelo Digai-Maré e não mais estão em tratamento, apostando na vivência transformadora proposta pelo Digai-Maré.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. elucidar problemáticas que tangem a **formação do psicólogo** clínico, uma vez que a psicanálise como uma ferramenta deve ser objetalizada para verificação das condições de sua aplicabilidade.

2. a relação que a psicanálise aplicada pode estabelecer com o território, aqui entendido, orientados por Deleuze, pelas instâncias pessoais e institucionais que atravessam a experiência do sujeito, incluindo: o lar, a escola, a igreja, o clube, a lanchonete, o morro. Em outros termos, "O espaço é geográfico, mas o lugar não. (...) o lugar é uma instância do sentido" (Ferrara, 2003, p.208)

no qual ela se insere (que vai para muito além do simples encaminhamento de usuários).

3. A construção de um **método de avaliação** qualitativa do tratamento pode ser um achado para a psicanálise, uma vez que esta avaliação é profundamente dificultada por vários motivos que se relacionam ao sigilo clínico dentre outros.

4. Quais os **remanejamentos** que o dispositivo analítico deve sofrer para que sirva como ferramenta frente ao sofrimento do sujeito em situações de violência, trauma que não se apresentam da maneira clássica.

5. JUSTIFICATIVA

Parte-se de três pressupostos fundamentais:

1) fenômenos eminentemente sociais, situações de grave risco social como desestruturação familiar, fracasso e evasão escolar não podem ser destacados de seu contexto;

2) os danos psicológicos que os acompanham concernem também e necessariamente a um contexto especificamente subjetivo, ou seja, duas pessoas podem viver uma mesma situação violenta, sendo que uma delas pode ficar extremamente marcada e assustada a ponto de, por exemplo, inibir sua aprendizagem na escola, enquanto que a outra não sofre maiores danos, podendo retomar suas atividades com certa facilidade. Isto significa que não se deve restringir a compreensão de um sofrimento apenas a seu contexto;

3) o mal-estar que leva alguém a procurar ajuda não deve ser encarado como um mal a ser *extirpado*. A psicanálise considera o *sintoma*, esse mal-estar que causa sofrimento, uma espécie de construção singular realizada por cada pessoa. Nesse sentido, um sintoma nunca é exatamente igual a outro, uma pessoa nunca sofre exatamente do mesmo problema que sofre outra, embora à primeira vista possa parecer que duas pessoas sofram da mesma dificuldade. Cada sintoma já traz em si, portanto, por mais surpreendente que isso possa parecer, uma solução em potencial, pois ele porta a história do sujeito e as marcas que lhe são únicas, a partir das quais uma nova solução pode ser criada.

Muitas vezes, quando situações inéditas e difíceis se apresentam a alguém e sua forma habitual de se colocar na vida não possibilita o encontro de novas soluções, produzem-se impasses para os quais não é fácil encontrar uma saída. Em muitos casos, práticas educativas auxiliares, atividades esportivas e artísticas ou intervenções de assistentes sociais ou do Conselho Tutelar, por exemplo, são capazes de promover transformações e levar soluções aos problemas enfrentados. Porém, há casos em que essas possibilidades não bastam, porque seus impasses subjetivos o impedem de aproveitá-las. Sabe-se, por exemplo, que é impossível se concentrar nos estudos quando se está completamente tomado pelo medo da violência – em suas diferentes formas –, e que não há como aprender um novo idioma quando em casa ninguém parece falar a mesma língua.

Na Maré, muitas pessoas se beneficiam enormemente das diversas ações e programas desenvolvidos, por exemplo, pelo Redes-Maré: elas cultivam suas potencialidades artísticas, dedicam-se aos estudos e batalham por lugares nas melhores universidades, informam-se sobre seu mundo e sua comunidade e se enriquecem culturalmente. Outros, no entanto, não conseguem desfrutar dessas mesmas possibilidades ou não conseguem aproveitar essa oferta de maneira satisfatória.

A psicanálise trabalha com as *marcas* que se constroem no percurso da vida, através das experiências pessoais de cada sujeito. São elas que determinam certas escolhas. Isto é, os medos, os impasses, as angústias e desejos de cada pessoa podem se enredar de forma a podar o prazer da vida e a inspiração de suas escolhas. Nesses casos, a vida pode tomar rumos negativos, sem que o sujeito tenha controle ou consciência dos motivos que o levam a tais caminhos.

Com o exercício da palavra, a psicanálise faz aparecer estas *marcas*, de forma a que o sujeito possa se confrontar com elas, tomando lugar em suas decisões, sendo capaz de deslocá-las e abrir um campo novo de possibilidades até então inalcançáveis.

Uma característica fundamental do trabalho da psicanálise com a fala é que quem inventa um novo caminho é o próprio sujeito. Por um lado, a psicanálise assume a responsabilidade pelo tratamento de cada um dos sujeitos que se propõem a falar de si, de seus problemas e sofrimentos; por outro, ela não obrigará nenhum desses sujeitos a aceitar soluções dadas de antemão. O que garante que o trabalho da psicanálise seja duradouro é exatamente o fato de que o psicanalista não trabalha apenas com o bom senso, com o aconselhamento ou com a experiência; ele ajuda um sujeito a construir novas soluções a partir das verdades que se provam valiosas em sua trajetória.

A relevância de um trabalho psicanalítico dessa natureza se torna ainda mais aguda em situações como a que vive a cidade do Rio de Janeiro e seus cidadãos, de desamparo social, em que esses cidadãos vivenciam cotidianamente situações de violência, como agentes ou como vítimas, havendo enormes dificuldades para romper este ciclo. As atividades já realizadas pelo Digai-Maré têm mostrado resultados bastante satisfatórios, não só em nossa opinião, como também na de assistentes sociais e coordenadores do Redes-Maré, professores e profissionais da rede pública de ensino, além, evidentemente, na opinião da própria população atendida.

6. METODOLOGIA

O **método** previsto é o de uma **pesquisa qualitativa semi-estruturada baseada em grupos focais**. Os **temas** se constituirão ao longo do trabalho e a partir da relação do moderador com o grupo. Cada grupo tem sua **duração** pré-fixada em seis meses, o que insere a precariedade de uma dissolução programada já em seu momento de constituição.

A) O campo de investigação, A pesquisa será conduzida em parceria com O Redes-Maré, Redes de Desenvolvimento da Maré, uma associação civil sem fins lucrativos que vem em lugar do CEASM que, desde 1997, desenvolve projetos relacionados a educação, cultura, trabalho, comunicação e memória social, no conjunto de comunidades populares da Maré

B) O método previsto, como já dito anteriormente, é o de uma pesquisa qualitativa semi-estruturada baseada em grupos focais, observação participante para reunir dados sobre **as aplicações e conseqüências de um dispositivo analítico em grupos na comunidade**.

C) O grupo focal foi selecionado como método de eleição por ser uma técnica que se adapta a qualquer tipo de abordagem, que utilize métodos qualitativos, ou seja, a exploratória, a fenomenológica e a clínica, aliando “qualidades científicas com o respeito à plasticidade do grupo” MORGAN (1988) além de permitir reunir informações de base a se abrir a outros usos (STEWART & SHAMDASANI, 1990).

6.1 População Alvo:

Estimamos um trabalho com **12 estudos de caso**. Serão dois grupos focais compostos cada um com 6 (seis) sujeitos atendidos pelo Projeto Digai-Maré que já tenham finalizado o tratamento, dentre crianças, adolescentes e adultos. Será também realizado um grupo focal com 6 (seis) psicanalistas que realizam atendimentos no Digai-Maré.

O grupo focal deve ter uma composição homogênea que preserve certas características heterogêneas, para que flua de maneira eficaz, onde os sujeitos se sintam a vontade para participar das discussões. Para tanto é preferível que se escolham sujeitos pelo gênero ou faixa etária. Estes, ao serem convidados a participar dos grupos, devem ser sucintamente informados sobre o tema a ser discutido, para que este aconteça naturalmente. O tempo de ocorrência do grupo varia entre uma hora e meia e duas horas. O facilitador deve iniciar o grupo com uma pequena explicação sobre o objetivo do encontro, além de demonstrar a importância de toda opinião ali colocada. Em seguida deve colher um pequeno comentário geral do tema por cada participante. Sugere-se que o facilitador tenha consigo uma série de questões que deseja explorar, para colocá-las quando conveniente, não intervindo tanto na dinâmica do grupo e proporcionando um ambiente favorável à discussão.

Um outro segmento detectará as dificuldades que os analistas do Digaí-Maré encontram ao propor um trabalho com psicanálise fora do *setting* tradicional. Para tanto se realizará um grupo focal com os psicanalistas do projeto, acerca de suas considerações sobre o trabalho realizado. Esse material será trabalhado mensalmente nas reuniões clínicas desse serviço, de modo a que se possa verificar e potencializar o atendimento na área.

6.2 Instrumentos:

Gravações da discussão nos dois grupos focais com os 6 (seis) sujeitos de cada grupo, além de outro grupo focal realizado com os 6 (seis) psicanalistas que trabalham no projeto. As gravações também serão realizadas em vídeo para discernimento mais preciso dos sujeitos.

6.3 Procedimento:

Os sujeitos dos dois grupos dos usuários serão avaliados pelos pesquisadores através dos grupos focais, tentando assim detectar falas da experiência que tiveram durante o tratamento, bem como a alteração propiciada por tal procedimento, e o farão de forma semi-estruturada.

O grupo focal dos psicanalistas será também colocado a refletir quanto sua percepção acerca do trabalho realizado, bem como suas expectativas e frustrações. Os três grupos serão gravados e em seguida transcritos. Assim como eventuais entrevistas individuais também serão transcritas e usadas como objeto de análise da pesquisa.

6.4 Análise dos resultados:

- **Grupos focais:** Serão reunidas informações no sentido da elaboração de um quadro geral das idéias preponderantes, mas será visado sobretudo o modo como as vivências pessoais permitem a cada um situar-se neste quadro. Tratar-se-á de situar os pontos de ruptura e de conexão com a rede social em que se localizam os sujeitos, ou seja, a localização dos sintomas, invenções singulares para encontrar um lugar estável no Outro a partir de seu ponto de sujeito. Essa discussão permitirá 'a equipe novas formas de intervenção no caso, no funcionamento do serviço. As reuniões em grupos focais serão gravadas e divulgadas sinteticamente, de forma a ressaltar os pontos relevantes, tanto para a formação do psicólogo clínico, como para as novas táticas de intervenção que tal dispositivo permite.

- **Seminário Clínico:** No final do primeiro ano de pesquisa será realizado um Seminário onde se divulgará os principais resultados obtidos. A esse seminário serão convidados os Coordenadores Clínicos do Campo de Saúde Mental (tanto os CAPS como a rede ambulatorial) especialmente a Área Programática 3.1 do Rio de Janeiro onde o serviço se insere, para que se possa fazer circular os principais achados e propostas que a psicanálise aplicada pode oferecer ao Serviço Único de Saúde. O material, bem como as discussões que essa Jornada irá suscitar, serão publicados a fim de um maior alcance de tais resultados.

- **Confrontação dos resultados:** As transcrições obtidas da fala dos usuários dos dois grupos e da fala dos analistas serão confrontadas, os pontos de divergências e as similaridades entre ambas servirão de guia para verificarmos o funcionamento dos grupos de pontos de vistas distintos. Acreditamos que a descontinuidade entre esses dois discursos será bastante produtiva. Com efeito, pretendemos descrever essa produção discursiva que será observada nas entrevistas. Vale dizer que entendemos descrição aqui em um outro sentido "Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito" (FOUCAULT, 1986: 109). Sobre essa confrontação de resultado será produzido material que servirá de base para o segundo seminário onde será novamente convidado a comunidade científica e os coordenadores clínicos dos serviços de saúde do SUS.

6.4 Divulgação dos Resultados:

A. Os resultados serão divulgados através de artigos técnico-científicos com que relatem casos emblemáticos divulgando dessa forma novas saídas que esse tipo de clínica propicia.

B. Ao fim do primeiro ano será realizado um seminário que visará a divulgação de tais resultados e de nova técnicas de intervenção.

C. Ao fim do segundo ano será realizado outro seminário que visará a finalidade da psicanálise aplicada em situações fora de seu setting. Ou seja, como a psicanálise pode contribuir socialmente realizando essa micro-política do sintoma em comunidades/favelas.

4. Ao fim dos dois anos, será produzido um livro com as experiências relevantes para a comunidade científica.

6.5 Aspectos legais e outras determinações pertinentes

Respeitando a preocupação ética do sigilo e respeito aos pacientes e profissionais que de alguma forma participam da pesquisa, estes deverão dar sua autorização e consentimento através do Termo de Livre consentimento. As Publicações seguirão ao compromisso de modificar dados que possibilitem a identificação dos mesmos.

7 Conclusão

Essa pesquisa pretende contribuir duplamente com a comunidade científica. Primeiramente pelo fato de que se estivermos certos, a clínica pode ser uma poderosa ferramenta social e política, desfazendo uma posição cristalizada de um sujeito que insiste em se identificar com seu sofrimento. Por outro lado, essa pesquisa permitirá lançar produtivas luzes sobre a produção conceitual que a psicanálise está submetida ao "ir à cidade", ou seja, a oferecer tratamento gratuito.

Quanto a articulação do serviço esperamos que tal produção teórica incite uma maior comunicação entre os centros de atendimento públicos e o Digaí-Maré para que se possa galgar esses efeitos transformadores que aqui pretendemos verificar também em outros dispositivos.

Pretende-se, também, alcançar uma maior resolutividade nos casos atendidos, uma vez que se trata de um projeto que privilegia uma troca de experiências através dos grupos focais que visam maior integração entre os saberes de cada profissional.

Referências bibliográficas:

- BRANDÃO, Carlos R. **Respondendo a Pesquisa Participante**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca de segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COTTET, Serge. *O Psicanalista aplicado*. In: **Pertinências da Psicanálise Aplicada: trabalhos da Escola da Causa Freudiana reunidos pela associação do Campo Freudiano**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Editora 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo, Iluminuras, 2005
- FREUD, Sigmund *Sobre o início do tratamento*. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1913
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade I: A vontade de Saber**, 16ª. edição, GRAAL, 1988
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: A história da violência nas prisões**, 3ª. edição, VOZES, 1984
- LACAN, J. (1964a) *Posição do inconsciente*. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1964b) **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1979.
- LACAN, J. (1962-63) **Le Seminaire, livre X: L'angoisse**. Paris: Éditions du Seuil, 2004.
- LACAN, J. (1972-73) **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. (1975-76) **Le Seminaire, livre XXIII: Le Sinthome**. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- LACAN, J. (1946) "A Psiquiatria inglesa e a guerra", **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Zahar.
- LAURENT, E. (2004) *A sociedade do sintoma*. **Latusa: A política do medo e o dizer do psicanalista**, Rio de Janeiro, EBP-RJ, n. 9, p.9-25.
- 19
- LAURENT, Éric. *Dois aspectos da torção entre sintoma e instituição*. In: **Pertinências da Psicanálise Aplicada: trabalhos da Escola da Causa Freudiana reunidos pela associação do Campo Freudiano**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007
- LAURENT, E. "Lo real y el grupo". In: **Ecós y matices en psicoanálisis aplicado: clínica de la psicosis, la fobia, el FPS y el pequeno grupo**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.
- LAURENT, E. "Sete problemas de lógica coletiva na experiência da psicanálise segundo o ensinamento de Lacan". In: **Opção Lacaniana**, n. 26/27, abril, 2000.
- MILLER, J-A. (2004) *Uma fantasia*. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 42, p. 7-18, fevereiro, 2005.

RECALCATI, M. (s/d) **Clínica del vacío**: anorexias, dependencias, psicosis. Madrid: Editorial Síntesis.

RIZZINI, I., CASTRO, L.R. e SARTOR, C.D. *A pesquisa participativa*. In: _
Pesquisando... Guia de Metodologias de Pesquisa para Programas Sociais. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

THIOLLENT, M. *Concepção e organização da pesquisa*. In: **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

VIEIRA, M. A. "A (hiper)modernidade lacaniana", **Latusa** n. 9, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004, pp. 69-82.

20